

Atividade de Leitura: Reflexões sobre a Relação Brasil-Cuba e a Influência Africana

Objetivo:

- Refletir sobre os desafios contemporâneos relacionados à questão racial em Cuba, com foco na perspectiva do autor, Jorge Amado, e a relação entre as culturas afro-brasileira e afro-cubana.

Instruções:

1. **Leitura do trecho** de Jorge Amado, *“Havana, 1986”*, nas páginas 239-241.
2. **Reflexão individual:** Após a leitura, respondam às seguintes perguntas de reflexão de forma escrita:
 - Qual é a crítica de Jorge Amado em relação à forma como Cuba lida com a questão racial?
 - O autor sugere um intercâmbio cultural entre as religiões afro-brasileiras e afro-cubanas. Por que ele acredita que isso seria importante para a relação entre Brasil e Cuba?
 - O que Jorge Amado quer dizer com “somos gente do mesmo sangue”? Qual o impacto dessa afirmação na relação entre os dois países?
 - Em sua opinião, por que as religiões populares de origem africana, como o Candomblé e a Santeria, são mencionadas como um ponto de conexão entre o Brasil e Cuba?

Texto de Jorge Amado: “Havana, 1986 — reflexão”

Na sede do Comitê Central a conversa com Fidel se prolonga, além de Zélia está presente Bolaños, Vice-Ministro do Exterior, deixará O cargo para ser Embaixador de Cuba no Brasil: Sarney vem de restabelecer relações diplomáticas com a ilha dos barbudos, rompidas pelos gorilas em 1964.

Fala-se das coisas, tantas, comuns ao Brasil e a Cuba, laços que são a garantia de um intercâmbio positivo nos terrenos mais diversos, se ademais de estima houver respeito mútuo. Há muito o que fazer para recuperar o tempo perdido seja na aplicação do conceito que determinou por decênios a política externa brasileira: o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil, seja na tentativa cubana de exportar revolução.

Dias antes eu escutara longo discurso de Fidel qual dos seus discursos não é longo? — na inauguração do Instituto de Cinema Latino-Americano, colocado sob a Presidência de García Márquez, Fidel se declarara homem de reflexão. Nem sempre o foi, mas acredito na sinceridade do discurso: eu o creio disposto à

meditação antes de partir Para o ato impetuoso, basta considerar a melhoria do relacionamento com a Igreja Católica e com os padres os da teoria da libertação, de preferência. Atento a tais propósitos, coloco na mesa das reflexões problema que me parece primordial como fator de amizade: somos primos-irmãos, os brasileiros e os cubanos. Possuímos, brasileiros e cubanos, um motivo maior de compreensão e de unidade, a nos distinguir dos demais povos latino-americanos somos gente do mesmo sangue, produto da mesma mistura, únicos no continente. Reafirmo, acentuo: de fato os únicos pois, além de indígenas e latinos, somos africanos de origem e crença, de cultura e hábitos, não é mesmo, Comandante? Não encontro no entanto referência a essa afinidade, não vejo que se lhe dê a importância devida.

Nem em Cuba, tampouco nos documentos, no discurso, nas proposições da esquerda brasileira, como se não fosse patente o sangue africano que nos identifica, a Cuba e ao Brasil, e, ao mesmo tempo, nos diversifica em relação aos demais países da América Latina.

Nossa mistura é a mesma, é idêntico o nosso sincretismo cultural, digo a Fidel, e lhe proponho seja feito um esforço de conhecimento e de aproximação entre os valores negros da cultura brasileira e da cultura cubana. Constatado com prazer a existência em Cuba de uma abertura religiosa, padres brasileiros estão sendo esperados em Havana, e a santeria já não é perseguida e condenada por bárbara e contra-revolucionária — com Julie e Harry Belafonte, Zélia pôde assistir, na véspera, a uma festa de iaôs. Por que não iniciar então intercâmbio entre o candomblé e a santeria, ambos de origem iorubá, são idênticos os deuses da Bahia e os de Santiago de Cuba. Se vão chegar sacerdotes católicos para dizer missas nas igrejas da ilha, por que não trazer a Havana, para a festa de Xangô, as iyalorixás: Stela de Oxóssi, Olga de Alaketu, Creusa do Gantois? Por que não enviar aos terreiros da Bahia para a festa de Yemanjá, no dois de fevereiro, os babalorixás cubanos? Ou será que as religiões populares, desembarcadas dos navios negreiros, valem menos para os barbudos do que a Igreja de Cristo aportada nas caravelas de Colombo?

Solto na sala do Comitê Central os orixás para a reflexão de Fidel Castro naqueles dias em fase de abertura do regime farto de problemas, com eles se defronta o visitante em cada esquina de Havana.

— Jorge Amado, *Navegação de Cabotagem*. São Paulo: Círculo do Livro Ltda. pp. 239-241